



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 4 — 2ª SÉRIE

DEZEMBRO DE 1963

PREÇO: \$50

ALERTA CAMPONESES!

Por Portugal fora, vão aparecendo portugueses honrados que não obstante os mais diversos condicionalismos vão tendo a coragem de levantar a sua voz pondo a descoberto a situação precaríssima da agricultura portuguesa devido ao desprezo a que está votada por uma governança de arrangistas e ao mesmo tempo de incompetentes. Vejamos algumas afirmações dessas vozes honradas através da nossa imprensa diária:

«Engenheiros, advogados, médicos, contabilistas, serralheiros—todas as especialidades e todos os horizontes atraem a juventude. Todos—não. A terra parece constituir para os novos um meio hostil, magramente remunerador, sem futuro e sem possibilidades. E num país verdadeiramente agrícola como é o nosso... continua a haver uma escola superior de agronomia, três escolas de regentes agrícolas e, salvo erro, quatro escolas práticas de agricultura».

«Tais números são verdadeiramente confrangedores e, francamente, insuficientes para garantir à Lavoura aquela assistência de que ela tanto precisa».

«Assistência de que ela tanto precisa»... diz a honrada voz, claro é realmente no aspecto de assistência, quer técnica quer em dinheiro que devia ser dada à agricultura, que o governo menos tem feito. Há dinheiro para comprar e construir muita coisa inútil, há dinheiro para banquetes, festas, etc., etc., mas para construir escolas de aprendizagem agrícola, para auxílio ao camponês sobre todas as formas e de acordo com as suas necessidades relacionadas com a produção, etc., para isso não há dinheiro. Ao camponês só lhe está reservado isto: viver uma vida inteira a produzir bens de consumo debaixo de um ambiente miserável e a empobrecer alegremente.

Quando se diz: «A terra parece (continua na 2ª pag.)»

O MINISTRO DE ESTADO E A AGRICULTURA

Um dos objectivos que têm em vista os comunicados dos vários ministérios é o de lançarem poeira nos olhos do povo, criando esperanças de melhora, por que todos ansiamos.

A comunicação do ministro de Estado de 18—IX—63 está incluída neste número. Vai fazer-se uma breve referência, dada a indole do nosso jornal, não apenas ao que se diz mas ao que não diz sobre agricultura.

Enquanto o pequeno e o médio camponês continuam a braços com uma das maiores e das mais longas crises de que há memória, numerosas comissões «estudam» questões; elaboram relatórios cheios de números e factos que ninguém tem condições para controlar e a que não dão qualquer saída ou realização; ministros, técnicos e numerosas comitivas re'eridas—deslocam-se para longínquos países em caríssimas e altamente recreativas viagens, concentram-se em Lisboa por vezes centos de congressistas, proporcionando-lhes um luxo que eles próprios estranham.

Pois aquele advogadinho que se intitula Ministro de Estado, fala na

comunicação referida, em trocas de impressões e defesa dos interesses da fruta e vinho por exemplo. E que tem resultado até agora, depois de negociações que duram há anos com o Mercado Comum, que os bancos e potentados industriais franco-alemães orientam, ou com a E. F. T. A. em que nos integra a Inglaterra? O vinho continua, contraditoriamente, ocupando o polo da baixa para o produtor e o da alta para o armazenista, o grande vendedor e o exportador! E o Ministro e seus colaboradores bem o sabem, através do preço que têm que nos pagar pelas garrafas que dão a beber a congressistas, e amigos de farra! A fruta encontra-se inutilizada, debaixo das árvores mas nas cidades os moradores das ilhas não lhe chegam. E que nos interessa a nós camponeses a inclusão em qualquer desses mercados, desses grandes colossos europeus? Sabemos o que continuará a acontecer-nos, porque já nos encontramos agarrados pelas «protectoras» Juntas do vinho e das frutas; e temos-lhe sentido bem os benefícios! (continua na 4ª pag.)

RÁDIO Portugal Livre

Transmite diariamente das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Ao domingo, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros

OS INSECTICIDAS E AS CULPAS DO GOVERNO

O agricultor português é vítima de muitos males. Com as trovoadas os frutos são destruídos, a própria terra e as casas são levadas para os rios, e até as pessoas algumas vezes desaparecem levadas também pelas águas. Por outro lado, são as doenças que dão nos frutos por causa dos mildios e secas, e nos animais devido às moléstias que aparecem.

No cultivo da batata acontece que além de estar sujeita aos males citados, esta planta ainda está sujeita a um mal de graves consequências que é a praga do chamado escaravelho. Se este bicharoco não é atacado a tempo e com remédios eficazes, acontece que o batatal pode ficar todo perdido. Em face disto, o camponês procura por todos os meios combater semelhante praga a pontos que muitas das vezes deixa de comprar os alimentos de que necessita para guardar o dinheiro para a compra do insecticida para combater ao escaravelho que ataca, embora pequeno, o seu batatal. Ora, não obstante, tais preocupações para combater o mal, e sacrifícios para a obtenção do remédio sucede que, na maior parte dos casos, o camponês compra o insecticida, aplica-o no batatal e este continua a ser roído e por consequência destruído pelos bicharocos ou suas larvas. O camponês assiste desesperado à destruição do seu batatal (depois de ter gasto o dinheiro) porque o remédio que comprou não deu o efeito desejado nem tão pouco o indicado por aquelas letras gordas e vistosas das embalagens do medicamento e cartazes afixados em vários lugares. Isto é, são tantos os nomes dos insecticidas no mercado e é tanta a propaganda que se faz acerca deles que o camponês chega a não saber o que há-de comprar, e quando o faz acontece, quase sempre, ser enganado, e só depois de experimentar dois ou três é que pode acertar naquele que mais ou menos o satisfaz, mas já quando o seu batatal está a caminho da destruição e depois de ter gasto muito dinheiro. Chegado a este ponto só resta ao camponês o desespero e para prova, vejamos uma notícia que nos chega de Alquebim entre dezenas de outras que nos chegam de vários pontos do país: «Os agricultores desta região andam desesperados pela grande praga de escaravelho que este ano resiste a todos os insecticidas e assim fazem a destruição dos batatais»...

ALERTA CAMPONESES

(continuação da 1ª pág.)

constituir para os novos um meio hostil magramente remunerador», etc. a quem cabe a culpa que a terra se torne «hostil», a pontos que a juventude e mesmo as pessoas de idade se vejam obrigadas a fugir dela? Essa culpa só pode caber a um governo incompetente, a um governo que nunca soube avaliar os sacrifícios dos camponeses e de todos aqueles que trabalham a terra. O governo o que sabe é criar tabelas quando da escassez dos produtos para deste modo o comerciante se governar com o mercado negro e para proporcionar certas negociações de colaboração entre comerciantes e governantes. O governo o que soube fazer foi criar grêmios e juntas disto e daquilo; ou seja criar novos intermediários para viverem à custa do agricultor. Estabelecimentos de ensino para a criação de técnicos agrícolas, esses não os soube criar. Criação de créditos vantajosos para ajudar o camponês, isso também o não interessou, e se alguma coisa fez neste sentido, era de tal ordem a sua ineficácia, por muitos motivos, que se pode considerar como se nada tivesse existido, e o camponês melhor que ninguém sabe desta verdade.

Camponeses! Diversas vozes se vão levantando em vossa defesa por Portugal fora. Era necessário que fosseis tomando nota daquilo que se diz a vosso respeito e em vossa defesa, porque muitos de vós nem sabem se têm razão de se queixarem nem quem é o causador dos vossos males. Mas sabeis, no entanto, que uma nação é governada por um governo, esse governo em qualquer caso é sempre o responsável pelo bem ou pelo mal do povo dessa nação. Ora, um governo amigo dos que trabalham a terra procura ajudá-los por todos os meios para que a vida deles não seja miserável como é o caso do camponês português. Mas o governo que nos dirige pela força há trinta e tal anos não se interessa pela vossa sorte; e enquanto nós vivemos uma vida de sacrifícios e de miséria, os governantes e os altos negociantes vivem uma vida não só com todo o conforto que por vezes ultrapassa o necessário como também vivem uma vida de prazeres condenável que, além de vergonhosa, é uma afronta grave à miséria em que vivem a maior parte dos portugueses.

Por outro lado, os preços destes medicamentos em parte falsificados, são elevadíssimos. Basta ver isto: conheço casos em que o desconto que o praticista faz ao retalhista vai até 45 por cento (!!!). Este largo lucro somado ao do grossista e fabricante que também deve ser grande, dá uma soma elevada. Esta margem larga de lucro é o sacrificado camponês que tem de a pagar sujeito ainda a ser enganado. Ora com franqueza, isto não pode continuar assim... Conheço um agricultor de batata que se viu também desesperado para combater este ano a praga do escaravelho, comprou o primeiro insecticida e não fez efeito, comprou o segundo aconteceu-lhe o mesmo, só o terceiro que comprou é que lhe deu o resultado desejado. Pois bem, em cada tratamento que aplicava nos batatais gastava só nos insecticidas 500\$00. Estará isto certo? O camponês merecerá estar sujeito a uma situação destas?

Camponeses, isto por nada pode estar certo. Quem tem a culpa de isto suceder? Só ao governo podemos atribuir culpas. Nós os camponeses, não só precisávamos que o governo fizesse tudo para que os insecticidas fossem mais baratos, como por nada consentisse que aparecessem no mercado, insecticidas falsificados. Isto era o que faria um governo interessado pela sorte dos camponeses e pelo desenvolvimento da agricultura. Mas, camponeses, o governo português não tem essas preocupações, o governo português não sente os sacrifícios do agricultor, esse governo só o que sabe fazer é explorar o camponês através das décimas, licenças, multas, direitos sobre isto e aquilo que lhes faz pagar, proibições, etc., etc..

Camponeses, a governança de um governo assim, não nos interessa precisamos de outra gente mais amiga dos camponeses que governe Portugal, só assim poderemos ver atenuada a miséria em que vivemos, e ao mesmo tempo maior engrandecimento da Pátria.

(continua na 3ª pág.)

CALAMIDADES NA AGRICULTURA E A ATITUDE DO GOVERNO

○ agricultor está sujeito a que a sua cultura sofra prejuízos de várias ordens e entre eles as trovoadas todos os anos, aqui e ali, causam-lhe graves prejuízos e senão vejamos:

«Desvastadas pelo granizo todas as culturas de Ervedal da Beira. A última quarta-feira de Maio de 1963 ficou tristemente memorável para o povo de Ervedal da Beira, no Concelho de Oliveira do Hospital. Foi numa dessas trovoadas que, por esta altura do ano, de atmosfera turbulenta e revolta, costumam pairar mais ou menos por toda a parte, especialmente no interior do país. Mas esta apresentou-se medonha e com um acompanhamento devastador como poucos. A população pressentiu-a ao longe e sentiu-lhe nos nervos o peso amarfanhante. Nunca sonhou, porém, com a crueldade dos efeitos que ela ia ter... Todavia, as consequências foram de grande flagelo. As vinhas, as hortas, os batatais, as searas, ficaram inteiramente assoladas pelo peso, a violência e a densidade da saraiva... Em dez minutos, ficou assim arrazado o trabalho de meses e perdido o pão de um ano inteiro (!!!). Por isso, muita gente chorou, em Ervedal da Beira, conflagrada e desesperada»...

Agora outra notícia vinda de outro ponto do país: «No Cartaxo algumas vinhas ficaram completamente destruídas pelo granizo. Causou enormes prejuízos nesta região, particularmente entre esta vila e a freguesia de Pontével, e na freguesia de Vale da Pinta, o temporal que ontem se fez sentir: fortes chuvadas e granizo de enormes proporções. Algumas vinhas ficaram completamente arrazadas, com as varas partidas. Nessas vinhas a produção perdeu-se totalmente»... (!!!).

Outra notícia, mas esta relativa às geadas: «Grandes prejuízos nos vinhedos e batatais devido às geadas. Em Bragança e nas últimas 3 ou 4 noites, e nomeadamente de sexta-feira para sábado, terríveis geadas causaram os mais deploráveis e incalculáveis prejuízos nos numerosos vinhedos de grande parte desta região, que até então apresentavam belíssimas perspectivas de uma colheita verdadeiramente prometedora. Iguais prejuízos sofreram os numerosos batatais e hortas desta mesma região que, como aqueles vinhedos, parecem ter sido queimados ou destruídos por terríveis incêndios ou vendaval! Oferecem de facto, aspectos verdadeiramente desoladores. Isto depois de tantos sacrifícios e trabalhos de toda a ordem dos nossos modestos lavradores ou proprietários rústicos e depois dos mesmos terem posto tantas e tão acalentadoras esperanças nas melhores colheitas de vinho, batatas, produtos hortícolas da época, etc! ... Oxalá, porém, não venhamos a registar trovoadas, que tantos prejuízos nos causam e que não andam muito longe de nós»...

Agora outra notícia relativa aos incêndios. «Incêndio no mato em Afife. Ontem cerca das 20 horas, declarou-se um incêndio no monte Cuturo em Afife... tinha lavrado numa área de 2 hectares destruindo mato e árvores».

Mas as notícias acerca dos prejuízos na agricultura são inúmeras, mais alguns títulos ao acaso: «Em Amares o frio e a chuva estão a prejudicar a fecundação das uvas e da azeitona. Morrem os frutos nascidos, cujo desenvolvimento carecia de calor».

«Também os batatais de Alquerubim estão gravemente comprometidos. Começaram a ser atacados fortemente por o míldio, não havendo tratamento que os salve eficazmente.»

«Em Malres, o tempo húmido está a prejudicar a agricultura».

«O frio e a chuva estão a causar graves prejuízos à lavoura de Lanheses» — O míldio está a atacar as

Os insecticidas e as culpas do Governo

Camponeses meus colegas, a principal e fundamental alimentação das pessoas é a nós que se deve, somos nós que cultivamos o trigo, a batata, o azeite, a carne, o vinho, o leite, os ovos, as frutas, as hortaliças, etc., pois bem, produzimos tudo isto e ainda por cima somos roubados, enganados, desprezados, numa palavra: o nosso futuro é caminhar para um empobrecimento. Pois bem, enquanto isto nos sucede verificamos que os membros da governança e meia dúzia de altos negociantes, enriquecem cada vez mais, têm dinheiro para viverem em palácios, para terem diversos automóveis para terem amantes, etc., etc..

Camponeses! Isto não pode continuar assim! Basta de tanto sofrer!!! No entanto, esta vida injusta só acabará quando os sacrificados camponeses se unirem e a uma só voz protestarem dessa injustiça que lhes é feita.

Camponeses! Uni-vos e protestai em defesa do vossos direitos!

A IGREJA PORTUGUESA

A situação do agricultor português é aflitiva devido, única e exclusivamente ao desprezo a que o governo fascista português o tem votado. Este governo só tem sabido explorar, vexar, etc., o agricultor e o rural português. Ora, a Igreja, à excepção de uma pequenissima corrente, tem apoiado e defendido por todos os meios este governo reacçãoário e retrógrado. Todavia a Igreja sabe como ninguém o que se passa nos meios rurais. Sabe, como ninguém, a miséria destes meios e a crítica situação do agricultor e do camponês. Ora bem, será que a Igreja portuguesa continuará a proceder da mesma maneira depois das encíclicas «Mater et Magistra» (Mãe e Mestra) e «Pacem in Terris» (Paz na Terra), continuando a apoiar um governo que arvorando-se no mais fervoroso defensor do cristianismo oprime, explora e mata à fome a maior parte do povo português, enquanto favorece a plutocracia degenerada que só é cristã porque isso lhe dá possibilidades para melhor explorar o povo? Será possível que mesmo depois das encíclicas a Igreja portuguesa continue a defender um tal regime destituído de humanidade, um governo que mais parece ser composto por monstros que por homens ditos cristãos? Não, a Igreja não pode continuar a cometer tremendo erro... Mas só o futuro o dirá!

vinhas de Lousada» — «Os batatais estão a perder-se na região de Tondela» — «Os castanheiros atacados de doença, estão a secar, em Carrazedo de Montenegro» — «No Pinhão, o tempo continua mau para os vinhedos e olivais» — «Os campos de milho e os batatais em Vila Chã de Aguiar estão encharcados devido às chuvas» — «Os vinhedos de Portelo de Cambres estão a aparecer com míldio».

Enfim, por estas notícias que tão poucas são em relação ao que acontece por Portugal fora, pode-se (continua na 4ª pág.)

«AINDA O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO»

A emigração provoca o despovoamento das aldeias, a ruína das casas destas, o murchar de uma nação.

A emigração é proveniente, na sua maior parte, do meio rural, logo, a emigração é fruto do precaríssimo resultado que o camponês das terras tira, que cultiva durante um ano inteiro de lutas travadas por ele e os seus familiares—mulher filhas.

A emigração é fruto das fúrias que o camponês contrai devido aos prejuízos na exploração agrícola, pelo que se vê obrigado a recorrer a um país estrangeiro, porque aí tira maior recompensa do seu esforço, não obstante ter que deixar as suas terras separando-se dos seus, mas só assim poderá arranjar dinheiro para despenhar a sua casa ou o seu campo.

A emigração dá-se porque tudo que o camponês compra é caro e tudo que vende é barato e, daí, os prejuízos de anos seguidos que o camponês tem na exploração agrícola.

A emigração dá-se porque o governo não socorre o camponês quando os frutos que ele cultiva são destruídos pelas tempestades, míldios, secas, etc..

A emigração dá-se porque são tantas as décimas, licenças, etc., que o governo salazarista lança quer ao camponês quer ao negociante que não há dinheiro que chegue para pagar tantos impostos.

A emigração dá-se porque os indivíduos são perseguidos pela política despótica e reaccionária do governo, através da sua «gestapo» (a P.I.D.E), só porque estas pessoas amam a sua Pátria e a querem ver engrandecida.

A emigração tem lugar porque alguns pais não querem ver os seus filhos morrerem nos capinsais de África ou em qualquer outra parte.

A emigração dá origem a que o emigrante seja vigiarizado quando passa pela cidade ao tratar da papelada ou quando do embarque. E de quantas vigarices o emigrante não é vítima por alguns funcionários camarários sem escrúpulos e pela ganância das agências?

A emigração faz com que a noiva mantenha uma vida inteira de solidão e tristeza porque o seu noivo, lá longe, esqueceu-se dela para sempre e esta, por vários motivos, não voltou a namorar.

A emigração por vezes ocasiona o suicídio: a noiva não suporta o desgosto pelo despreso do seu amado e resolve pôr termo à vida.

A emigração, enfim, é originada pela má administração de uma nação e pela defeituosa estrutura social, é um verdadeiro drama humano por culpa dos governantes.

Um governo amigo do seu povo, interessado por que a sua nação prospere, procura por todos os meios anular a emigração, dando ao seu povo condições de poder viver. Mas o governo salazarista nada faz nesse sentido, o governo salazarista não ampara a agricultura—viveiro da emigração.

O governo salazarista nada faz para evitar que esse potencial humano se perca, indo enriquecer outros países.

Camponeses, trabalhadores rurais, operários, um governo destes, causador de tantas misérias, desgostos, trabalhos, saudades, etc., etc., só merece a nossa maldição, a nossa repulsa e o nosso combate.

© Ministro e a Agricultura

(continuação da 1ª pag.)

Sabemos bem quem beneficia destas organizações; e calculamos como será a protecção quando o negócio tiver amplitude assinalável se o chegar a ter; esperamos que não!

Do que precisamos é, em primeiro lugar, de organizar a nossa economia—e não de aconselhar a plantação de pomares, e não dar depois saída à fruta; permitir a plantação da vinha e não dar escoante a uma crescente produção.

Em segundo lugar, criar e ajudar a criação de cooperativas agrícolas e alargar-lhes a acção até ao consumidor—e não levantar-lhes dificuldades como a que acaba de se verificar este ano com as cooperativas vinícolas que entregaram o vinho à Junta Nacional do Vinho e viram até à última hora as pipas cheias, adiantamentos costumados por fazer, pagamento do vinho já tirado protelado sem preocupação com as necessidades vitais do agricultor.

Em terceiro lugar, permitir que sejam organismos cooperativos superiores os organismos de exportação e colocação nos mercados estrangeiros—e não deixar o comércio externo nas mãos duma massa de exportadores-falsificadores, que se vão enchendo com o suor do trabalhador e desacreditando a riqueza nacional.

Em quarto lugar, evitar a falsificação do vinho com uma fiscalização eficiente que é a participação do povo em regime de liberdade—e não impedir que se beba hoje vinho engarrafado que não seja deteriorado, porque a fiscalização é feita pelos próprios falsificadores e seus agentes, que são os chamados fiscais.

Estas são as condições mínimas da organização da produção e mercado interno e externo.

Sómente nesta base podemos pensar na integração agrária portuguesa em qualquer grande mercado europeu ou ainda mais amplo, embora nunca com as ca-

Calamidades na Agricultura...

avaliar bem dos perigos e prejuízos a que está sujeito o agricultor português anualmente. Pois bem, não obstante estas verdades trágicas que têm lugar todos os anos, já alguma vez o governo deliberou criar um fundo para auxiliar os camponeses atingidos por semelhantes prejuízos?

Camponeses! Está verificado por todos os meios que uns cavalleiros que pela força tomaram conta da governança consideram os camponeses filhos bastardos de Portugal, pedem-lhe tudo mas em troca só lhes dão sacrifícios e despreso. Ora camponeses a uma cãfila de usurpadores desta natureza só temos uma coisa a fazer; usar para com eles a nossa unidade e dizer-lhes: Basta!!! E unidos tratemos de correr com eles porque Portugal ainda tem homens dignos e honrados que na governança não usariam fazer da Pátria balcão de compra e venda, mas sim procurar engrandecê-la e respeitar os seus filhos todos por igual.

características dos dois actuais. Não nos organizarmos internamente é entregarmo-nos de mãos atadas na voregagem do grande capital estrangeiro e nacional seu colaborador. E isto é uma traição aos interesses nacionais—interesses do produtor e do consumidor.